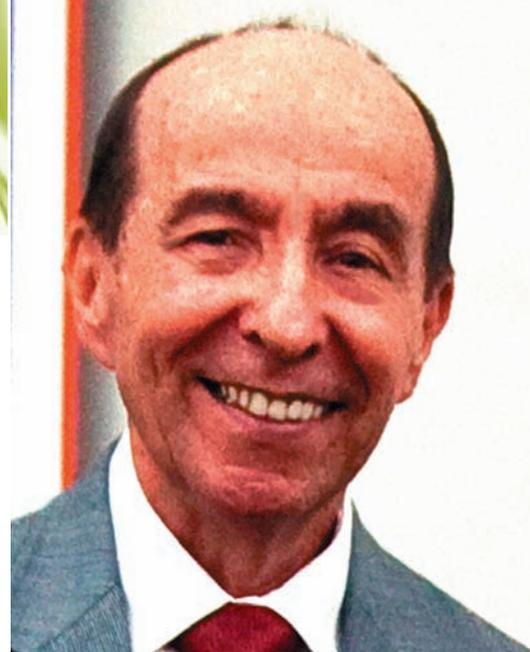


“Não queremos abrir cursos aleatoriamente”



A FARN deve começar o próximo ano com mais um curso. De forma comedida e bem planejada, a Faculdade pretende estrear um curso de licenciatura em Educação Física. Foi o que revelou o reitor da Instituição, Daladier Pessoa Cunha Lima, em entrevista exclusiva à revista *Novas Ideias*. Apesar da criação da décima graduação, ele ressalta que a expansão desenfreada não está nos planos da FARN. “Não somos ansiosos com a abertura de muitos cursos, porque temos o foco na qualidade. Não queremos abrir cursos aleatoriamente para captar mais alunos. Temos um plano de ampliação, mas gradativa”, diz.

Daladier revela ainda que já foi convidado a abrir campus em Mosoró e na Zona Norte, no entanto, recusou. “Não temos intenção de sair deste local. A nossa meta é aprimorar o padrão de qualidade já conquistado”. O reitor cita o exemplo do curso de Administração, que tem convênio com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), respaldando esta graduação da FARN.

“Isso implica uma seleção para ingresso, e o estudante é avaliado com o rigor da FGV. Podíamos estar pensando só em aumentar o número de estudantes, mas esse não é o objetivo primeiro. Queremos, aqui, uma elite acadêmica. O custo é alto. Poucas instituições particulares têm essa disposição”, defende Daladier Cunha Lima, que durante anos foi reitor da UFRN. Os pontos de vista de um dos mais importantes visionários da educação superior do Rio Grande do Norte estão nesta entrevista, na qual ele fala da relevância do congresso, da inovação tecnológica no Brasil e até analisa o sistema de avaliação do MEC. Confira!

Que avaliação o senhor faz da nona edição do Congresso de Iniciação Científica da FARN?

O nosso congresso vem melhorando a cada edição. Em dez anos de instuição, realizamos nove congressos de iniciação científica. A cada ano, o evento é aprimorado em número de trabalhos inscritos, mesas-redondas, na participação dos alunos e na qualidade dos traba-

lhos. Aumenta a quantidade de atividade, como palestras, conferências e minicursos. Cresce também o entusiasmo dos alunos. Vemos o brilho nos olhos desses acadêmicos ao apresentar os trabalhos e isso dá uma vida, uma energia nova dentro do campus. A pesquisa, principalmente a iniciação científica, é uma atividade contínua dentro da Faculdade. Assim que termina um congresso, inicia-se outro.

Muitos palestrantes convidados, inclusive de outros estados, ficam admirados com a quantidade de estudantes participantes do evento. A que se deve tamanha adesão?

A iniciação científica deixou de ser um evento dentro da Instituição para ser um componente pedagógico da FARN. Então, todos os professores, coordenadores, administradores, funcionários e estudantes da Faculdade sabem que o ensino da FARN é feito com envolvimento das três atividades básicas: ensino propriamente dito, com aulas e atividade em laboratórios, a extensão, que é uma articulação com a comunidade, e a pesquisa. Isso leva o aluno para ter uma formação profissional de qualidade. A iniciação científica tem a função de fazer o aluno se aprofundar na área estudada, mas, sobretudo, despertar no acadêmico o interesse pela investigação científica, do uso do método científico, da busca do conhecimento. A mente do aluno vai se configurando dentro dessa premissa de não ficar apenas ouvindo o que o professor transmite mas ir em busca de conclusões ou se aprofundar naquela área de estudo.

É assim que surgem cientistas?

Claro. No meio disso, vocações de cientistas podem ser despertadas. Nosso objetivo não é transformar todos os nossos alunos em pesquisadores, e sim dar autonomia acadêmica e de construção de conhecimento. Mas, lá na frente, pode aparecer um grande cientista.

Como é construído esse estímulo à iniciação científica?

Não é uma atividade fácil. É uma formação de uma cultura, que foi

“

NÃO HÁ NINGUÉM AQUI CRIANDO OU AUMENTANDO RIQUEZAS. TUDO É REINVESTIDO NA EDUCAÇÃO E, POR ISSO, TEMOS O RESPALDO DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE.

formada gradativamente. É preciso haver envolvimento e preparação prévia para essa atividade. E isso não se consegue do dia para a noite. É necessário haver o desenvolvimento dessa cultura voltada para a pesquisa, para a investigação, para o despertar de novos conhecimentos, ter uma estrutura física adequada, haver disponibilidade de orientadores... Eu diria, sem sombra de dúvidas, que estamos

numa das melhores posições do Brasil em termos de iniciação científica em relação à quantidade de alunos da instituição como um todo e os que se envolvem na iniciação científica.

Faltam incentivos federais para as faculdades particulares promoverem projetos de pesquisa, mesmo sendo desobrigadas?

Na minha visão, não faltam verbas nos órgãos que fomentam a pesquisa no Brasil, para bons projetos. Tendo boas iniciativas, os recursos existirão. Claro que há uma tendência de fomentar instituições públicas, mas temos de reconhecer que são nessas instituições que estão os maiores núcleos de pesquisa do Brasil. Naturalmente, pois têm mais recursos e maior número de doutores. Mas, havendo bons projetos, não faltam financiamentos. Um exemplo: temos na FARN bolsas do Programa de Iniciação Científica do CNPq, o PIBIC. Até onde sei, a FARN é a única faculdade particular do RN que tem, mas porque foram apresentados bons projetos de pesquisa.

O que o senhor acha da inovação tecnológica no país?

O Brasil tem hoje uma pós-graduação bem consolidada, tem grandes cursos, forma um número de doutores muito alto, mas não há correspondência com o número de patentes registradas no país. Mas, sem dúvida, o caminho é este: apoiar a pesquisa e a inovação tecnológica.

E, no Rio Grande do Norte, a educação superior avançou?

Teve avanços positivos. As instituições privadas tiveram um papel importante nesse processo ao democratizar mais o ensino e dar oportunidades a um maior número de pessoas que não tinham condições de cursar uma faculdade. Entretanto, há também um aspecto negativo. Sugiram muitas instituições sem qualidade no Brasil, voltadas apenas para o lucro, sem nenhuma capacidade acadêmica e

com formação de pessoas distante do nível que deve ter a educação superior. Mas, no todo, os avanços são positivos.

O que senhor acha do modelo de avaliação do MEC?

O sistema de avaliação do MEC, o Sinaes, é muito bem formulado. Venho analisando a avaliação universitária há décadas e nunca tinha visto um sistema tão bem elaborado como o Sinaes. Agora, ele não é fácil de executar. Precisa de uma estrutura grande, que o MEC não tem, capaz de dar sequência aos passos exigidos pelo sistema. Daí, vêm os atrasos e pouca agilidade. Há uma avaliação subjetiva que pode prejudicar. Mas, no conjunto, o sistema é muito bem formulado.

A adoção de muitos parâmetros, indicadores, não acaba confundindo o aluno na escolha da instituição?

Esse é um dos pontos que terá de ser aperfeiçoado. Hoje, temos IGC, IDD, CPC, Enade, e isso acaba confundindo mesmo. O indicador mais geral é o IGC, que dá um *ranking* das instituições, entretanto, acredito que o Inep/MEC vai evoluir para fazer uma avaliação global. Isso facilitará a escolha por parte do aluno.

E o que os indicadores comprovam em relação à FARN?

Mostram que estamos no caminho certo, que a FARN caminha investindo em qualidade. A nossa prioridade não é quantidade, mas, a qualidade. Provamos isso a toda hora. A FARN é uma instituição sem fins econômicos. Não há ninguém aqui criando ou aumentando riquezas. Tudo é reinvestido na educação, uma diretriz da mantenedora, Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. Temos aqui, realmente, um ambiente acadêmico, em toda sua plenitude, tão importante para o desenvolvimento das habilidades e competências dos futuros profissionais.

”

NOSSO OBJETIVO NÃO É TRANSFORMAR TODOS OS NOSSOS ALUNOS EM PESQUISADORES, E SIM DAR AUTONOMIA ACADÊMICA

